

No et limites a contemplar aquestes hores que ara vénen, baixa al carrer i participa. No podran res davant d'un poble unit, alegre i combatiu.

Vicent Andrès Estellés
(València 1924-1993)

Fórum Mundial de Educação Baixada Fluminense

**Educação Cidadã para uma
Cidade Educadora III**

**"A infância e a juventude na perspectiva da educação
cidadã".**

***Uma mirada desde os Movimentos de Renovação Pedagógica
do Estado Espanhol***

I

Como militante do sindicato STEs que faz parte dos Movimentos de Renovação Pedagógica do Estado Espanhol (MRPs) gostaria de compartilhar com vocês a idéia de que, como educadoras/es, um caminho fundamental para a transformação social é a **emancipação da pessoa**. E que como tais contribuimos:

- Ao desenvolvimento pleno, integral e harmonioso, se encontre esta em sua infância, adolescência ou como adulta;
- A que as pessoas aprendamos a compreender o mundo em que vivemos ao entender e nos entender a nós mesmos em função dele; que nos permita participar da vida pública de uma maneira crítica e ativa para melhorá-la.

Hoje, quando muitas pessoas consideram a infância e a adolescência somente como etapas de transição à vida adulta, como se cada momento da vida não fosse único e irrepetível, temos que:

- Aprofundar nas necessidades, interesses e formas de vida do alunado, pois continuam sendo elementos essenciais de nossa tarefa como professoras/es.
- Questionar os preconceitos e estereótipos que as sociedades atribuem às crianças e aos adolescentes, já que isto é imprescindível para poder trabalhar desde uma perspectiva crítica e emancipadora.

Convido a todas e todos para que reflexionemos juntos sobre o alcance e repercussão das mudanças que se estão produzindo e como nos afetam. A seguir analisaremos como estas mudanças estão influenciando nas relações familiares, escolares e sociais. Estes elementos podem nos permitir avançar na formulação de propostas de análise e ação de nossa prática educativa.

II

UMA SOCIEDADE EM CONSTANTE MUDANÇA

- Vivemos num palco-mundo de polaridades em que observamos como:
 - O mercado neoliberal domina-o e comercializa tudo. A educação também e, deste modo, nós somos produzidos, consumidos e privatizados para o mercado. Este é o grande drama da escola pública, que nos privatiza as pessoas, e por tanto deixa de ser pública ao estar ao serviço do mercado neoliberal;
 - Estão acontecendo mudanças que não conhecemos bem como se configura na mente e na forma de ser das crianças e da juventude: a realidade virtual e a comunicação instantânea, internet, telefone celular, o mundo das redes...
 - O desenvolvimento tecnológico de alto consumo energético faz insustentável o modelo de desenvolvimento sustentável.
 - Nossa sociedade está doente pelo domínio da cultura patriarcal e a crise do patriarcado é a resistência deste ante a necessidade e a construção de uma cultura igualitária entre os homens e as mulheres.
 - Entre os muitos sintomas que o sistema educativo vive como problemático (disciplina, motivação, falta de tempo, salários injustos, a violência, etc.) são apenas a ponta do iceberg de uma rebelião no sistema educativo e que não serve a quase nenhum de seus protagonistas.

III

A REPERCUSSÃO DAS MUDANÇAS SOCIAIS NAS CRIANÇAS E JÓVENS

A. NO ÂMBITO FAMILIAR

Nos discursos sociais dominantes há um empenho grande em alguns argumentos que alega que as famílias não têm tempo para compartilhar com as suas crianças. Porém isto é questionável.

Vejam alguns:

- A diversidade de modelos familiares

O importante não é o modelo de família, senão as relações que se estabelecem entre seus integrantes e os códigos de conduta que se aprendem nela.

- A perda do modelo autoritário de família

Se o que ocupa e preocupa aos pais e mães é trabalhar o menos possível e ganhar o máximo para consumir mais e mais ¿que modelo as crianças vão aprender? Se a mãe ao chegar a casa deve fazer todo o trabalho doméstico e nem o pai, nem as crianças realizam nenhuma tarefa, que modelo se transmite? Se o pai e a mãe são pessoas comprometidas, organizadas, que trabalham no sindicato, no partido, em associações, que se manifestam, etc. será outro o modelo? Não é o mesmo ser educado/a num ambiente de dignidade, respeito, envolvimento social que em outro onde os referentes são o consumismo, a competitividade, o individualismo, e isto também reflete na família?

- a incorporação da mulher ao mundo do trabalho e a culpabilidade atribuída a ela pelo escasso tempo que dedica à família e aos filhos.

A mulher tem estado sempre trabalhando e não só em casa, senão também fora dela, no campo, na indústria submergida e em tantos outros trabalhos. A mulher sempre trabalhou e muito, bem mais que os homens. Basta com recordar as noites perdidas no período de amamentação. E também não é verdadeiro que antes a família compartilhasse mais tempo. Seriam algumas famílias. Outras trabalhavam (e trabalham) sem parar para sobreviver e essas eram (e são) a maioria. Quando éramos crianças jogávamos na rua e raras vezes nos concediam à palavra.

A realidade é que a família dificilmente pode se despojar da sociedade em que está inserida e dos modelos de comportamento que nela imperam.

B. NA ESCOLA

Como consequência das políticas neoliberais a educação passa de ser um direito a ser um negócio e as famílias passam de ser usuárias a ser clientes:

- O sistema público de ensino é desvalorizado; aumentam as desigualdades repercutindo negativamente na convivência escolar e social, o que leva a formação de guetos e escolas privadas para as elites;
- **A imagem de qualidade educativa entende-se como excelência sujeita às leis do mercado**, o que leva a introduzir nos currículos a idéia de concorrência intimamente unida a uma concepção excludente da avaliação que uma vez mais, classifica e seleciona, não só ao alunado, mas também às escolas.
- A formação do professorado afasta-se da Renovação Pedagógica e responde à idéia de dar receitas mágicas para aplicar nas aulas. Se considera ao pessoal docente incapaz de reflexionar sobre sua prática e de iniciar estratégias como as de investigação-ação.
- A educação passa a ser cada vez mais, na medida em que avança no Sistema, uma carreira de aprovar exame depois de exame na busca do diploma que permita, no melhor dos casos, o acesso ao mercado de trabalho.

Seguimos padecendo sistemas educativos fortemente acadêmicos de fundo e rotineiro na forma que desvalorizam a dimensão intelectual do ensino. Apenas sobra tempo para uma reflexão séria e profunda sobre a seleção do conhecimento relevante, para o contraste de informações, para o estabelecimento de relações, para a análise das contradições que estão por detrás de toda afirmação, notícia ou lei científica.

Nas escolas e universidades continuam instruindo, adestrando, doutrinando, considerando ao alunado como caixas vazias que têm que ser preenchidas sem aproveitar toda a bagagem de vivências que eles contribuem somente com a sua presença.

Por outra parte, a forma que se apresenta o saber, a estruturação dos conteúdos em disciplinas e matérias, não favorece um entendimento global dos problemas e da situação, nem ao professorado, nem ao alunado.

Não há nenhuma relação entre o que passa na escola e o que se vive na rua.

É deste modo que entramos em contradições como pretender fazer da escola um “espaço virtual” de implantação de valores que a sociedade “real” despreza dia a dia :

- Devemos educar para a não violência e a resolução pacífica dos conflitos, enquanto os adultos metralham imigrantes, invadem e massacram países, torturam nas prisões, matam mulheres pelo fato de serem mulheres.
- Devemos educar para a conservação e cuidado do médio ambiente, ensinando às crianças e a suas famílias a poupar um par de litros de água da torneira e outras atividades domésticas, enquanto os empresários e os políticos de plantão planejam obras hidráulicas que secam lugares naturais.

E não podemos obviar que seguimos dependendo de um sistema educativo que utiliza como principal recurso o livro didático:

- A utilização de bibliotecas de classe, de meios audiovisuais, de computadores, a análise dos meios de comunicação de massas, a interação com o meio sócio-natural, etc., continuam sendo um dos grandes desafios da escola, em parte por falta de recursos pessoais e materiais básicos e em parte pela má formação inicial e permanente do professorado. Um professorado, que devido ao excesso de horas letivas semanais dificilmente pode se atualizar com um mínimo de qualidade.

Não podemos trabalhar os valores na escola sem questionar a ordem social estabelecida, sem analisar as causas complexas de cada um destes valores e conceitos, sem viver, sem conhecer o que passa fora dela:

- **Nossa ação educativa só será transformadora se sai para a rua, se traspasa as paredes e os muros da escola e tem alguma incidência na vida cotidiana do bairro, povo ou cidade na que a escola está inserida.**
- **Precisamos converter as escolas, universidades e todos os demais âmbitos de educação formal e não formal em agentes públicos para incidir nas políticas locais e na vida de suas comunidades.**
- **Podemos e devemos oferecer às crianças e jovens modelos alternativos, ajudar a questionar os valores dominantes e lhes dar estratégias de defesa pessoal e coletiva para o futuro. É por isso que ressaltamos o papel que pode jogar a cidade.**

o IV

A CIDADE EDUCADORA

¿Qual é a cidade à que hoje nos enfrentamos?

Um espaço desenhado por e para um homem "ideal", de meia idade, branco, classe-média, heterossexual, saudável, com casa própria e com carro... A nossa realidade é assim?

Porém...

- o Hoje já existem suficientes experiências para poder defender o valor educativo da cidade. Para poder pensar a cidade desde a perspectiva educadora;
- o Desde a experiência de Tonucci em Fano (Itália), passando por Barcelona, Rosário, Porto Alegre, São Paulo, Nova Iguaçu, hoje já não resulta estranho ver a um grupo de alunas e alunos junto às professoras e professores percorrendo as ruas da cidade, conhecendo-a, pesquisando-a, fazendo propostas para melhorá-la, etc.;
- o Inclusive, para àquelas/es que buscam mais que o possível, desde o enfoque da cidade educadora, alguns viram a oportunidade de canalizar as idéias de F. Tonucci sobre a "cidade das crianças" e **lançar propostas para construir uma cidade à medida das crianças**, para conseguir que a Administração *ponha os olhos à altura das crianças, para não perder de vista a ninguém*.
- o Pois, como diz **Tonucci**, ***"Quem seja capaz de perceber as necessidades e os desejos das crianças não terá nenhum problema para perceber também as necessidades das pessoas idosas, portadoras de deficiências e das imigrantes"*** (e eu incluiria as mulheres). ***Há que imaginar que, quando a cidade está mais adaptada as crianças, estará também mais adaptada a todos"***.

É que uma cidade educadora não somente se constrói e reconstrói constantemente, como também se descobre:

- o Favorece reviver seus bairros, seus edifícios, suas praças, seus passeios; olhar aqueles muros e barreiras que desune a cidade, as passagens que um dia se fecharam e que impossibilitam um encontro, uma conversa, uma história;
- o Supõe uma re-significação individual e coletiva ver suas inúmeras possibilidades educativas, discutir coletivamente que se pretende e que futuro desejamos;
- o Implica compreendê-la como uma grande rede de espaços pedagógicos formais e informais que permitem fazer dela uma pedagogia.

É um espaço que permite pensar com o alunado em como:

- Organizar a recolhida do lixo;
- Buscar alternativas para o tempo livre que não seja ir ao shopping;
- Pensar como resolver o trânsito para que esteja ao serviço da cidadania e não dos carros;
- Pensar na cultura popular procurando artistas do bairro;
- Recuperar as trajetórias históricas e as perspectivas dos diferentes grupos sociais e sua inclusão nos espaços culturais da cidade;
- Mediar os conflitos da escola a partir dos conflitos que se vive na rua; do sexismo; do racismo;
- Reflexionar sobre a importância e na insuficiência de espaços escolares para responder às demandas das crianças;
- Exercer responsabilmente o poder (PARA, COM, DESDE) a democracia e a participação cidadã;
- Fomentar uma melhor organização do tempo;
- Trabalhar a inclusão e a cidadania para as populações que vivem em situação de miséria.

V

É QUE OUTRO MUNDO É POSSÍVEL E CONSTRUIREMOS ENTRE TODAS E TODOS.

Vamos partir de que nossas reflexões têm inegáveis conseqüências para a ação.

○ **Para as políticas educacionais dos governos e das organizações políticas, sindicais e sociais temos que:**

- Colocar a pessoa e sua emancipação como o eixo central de um necessário debate social;
- Fazer prevalecer o bem comum em vez dos grupos de pressão (lobby);
- Fomentar a convivência e os mecanismos da democracia participativa em todos os âmbitos.

? **No campo da formação profissional e da cultura docente temos que:**

- Caminhar para uma nova concepção do professorado; desenvolver uma nova cultura profissional;
- Promover a formação do professorado como investigadoras/es capaz de estabelecer a relação teoria-prática;
- Desenvolver novos programas de formação inicial e permanente.

? **Com respeito às escolas temos que:**

- Reflexionar como construir centros educacionais mais democráticos promovendo a democracia participativa em todos os âmbitos (familiar, estudantil, entre trabalhadoras e trabalhadores);
- Potenciar a participação das famílias incorporando-as à vida da escola;
- Planejar as atividades em função de quem é em realidade seu destinatário: as alunas e os alunos são os protagonistas;
- Converter a escola no núcleo cultural do bairro abrindo suas portas;
- Incorporar as/os agentes sociais (educadoras/es não formais, associações cidadãs, da terceira idade, de mulheres) do bairro e da cidade à gestão e ao desenho das atividades;
- Converter o bairro e a cidade, na escola.

? **Mudar as práticas de aula implica em:**

- Construir o currículo baseado na vida, no bairro, na cidade, no meio em que vivemos e não no livro didático;
- Gerar outra organização do espaço e o tempo;

- o Pensar outra concepção dos materiais didáticos, das novas tecnologias. São eles que têm que estar ao serviço do processo e não ao contrário;
- o Converter a avaliação como um processo de melhora e não de seleção, como se fosse uma corrida de obstáculos.

E são propostas possíveis!!!!

Embora existam os que pretendem nos envolver na vertigem do que passa ao nosso entorno e pretendem assentar em nosso interior a insegurança e o medo, **a cada dia somos mais os que compartilhamos as novas significações e propostas capazes de produzir as mudanças nesta sociedade cambiante.**

Hoje vemos como se propõem novos paradigmas, se realizam diálogos interdisciplinares e transdisciplinares, se propõem novas sensibilidades de proximidade, **há novas conexões entre o compromisso com os problemas locais e o entendimento dos problemas e compromissos globais**, se realizam propostas de controle coletivo dos processos e resultados das aplicações tecnológicas das descobertas científicas...

Os movimentos sociais opostos ao neoliberalismo (os fóruns sociais como este, nacionais e continentais, a Assembléia de Movimentos Sociais, os movimentos sindicais...) **estão criando e propagando uma nova consciência coletiva** que contribui ao amplo e extenso mundo, mediante lutas tanto locais como nacionais e internacionais, para conseguir uma sociedade mais justa.

Assim mesmo também **existe uma série de redes que conectam diferentes atores e sensibilidades sociais na defesa de direitos civis fundamentais**: coletivos, observatórios e coordenadoras de defesa dos direitos humanos, de direitos das mulheres, de defesa de coletivo frágeis ou desprotegidos (imigrantes, crianças em situação de rua, homossexuais...) que denunciam abusos e conseguem sentenças e inclusive leis.

Além disso, alguns meios informativos alternativos e intelectuais, de diversos campos, que oferecem informação, análise e propostas diferentes às das principais agências e grandes impérios mediáticos.

Deste modo, ao igual que as propostas que sairão deste Fórum, como as que saíram de Porto Alegre ou Córdoba, Mumbai ou Kenia, encontramos novas possibilidades diferentes aos ditados do credo neoliberal e que, apesar do silêncio e manipulação dos principais meios de comunicação, cada vez são compartilhadas por mais pessoas.

São propostas que afirmam:

- o **O Estado ante o mercado; a cidadania ante o consumismo submisso;**

- (voltar às mãos públicas os serviços privatizados)
- **A solidariedade ante o egoísmo;**
 - (Intercâmbio de serviços por recursos: petróleo por educação e medicina: Cuba, Venezuela, Brasil,...).
- **O coletivo ante o individualismo;**
 - (Movimentos de libertação e resistência frente a governos e transnacionais: Movimento Sem Terra do Brasil, Zapatista em México, organização de Mapuches em Chile...).
- **A sustentabilidade ante a depredação mercantil;**
 - (um grito geral por respeitar o Protocolo de Quioto, por limitar a expansão dos OGM,...).
- **A democracia participativa ante a democracia representativa;**
 - (Novos projetos de democracia como as Assembléias Constituintes em Venezuela, Equador e Bolívia, os OPs do Brasil, etc.)
- **Uma cultura livre e popular ante a indústria da cultura;**
 - (a criação de um Observatório Internacional de Comunicação, a idéia de Rede de Redes, a proliferação do cinema e documentais de denúncia social, ambiental e econômica com vocação conscientizadora).

Porque se resistir foi ser capaz de dizer basta, de dizer não...

Hoje, resistir é, cada vez mais, poder dizer sim...

Sim à solidariedade entre os seis mil milhões de habitantes de nosso planeta;
 Sim aos direitos das mulheres;
 Sim à existência de uma ONU renovada;
 Sim a um novo plano que responda às necessidades de África;
 Sim à erradicação definitiva do analfabetismo;
 Sim a uma ofensiva internacional contra a fratura digital;
 Sim aos direitos dos indígenas;
 Sim à justiça social e econômica;
 Sim a um imposto sobre a venda de armas;
 Sim à eliminação da dívida externa dos países que necessitam;
 Sim à proibição dos paraísos fiscais...

Resistir é sonhar que outro mundo é possível. E contribuir a construí-lo

Pois as ilusões e os sonhos não são suficientes:

- **Há que pôr em circulação nossas idéias e nossas práticas;**
- **Há que seguir defendendo a educação como uma prática crítica e política, como uma forma de intervenção sobre o mundo para melhorá-lo;**
- **Promover os encontros, os Fóruns Sociais, os intercâmbios de idéias e experiências;**
- **Gerar novos sistemas de organização e extensão das nossas propostas, não nos limitando às estruturas fechadas das organizações. Aberto às redes alternativas multinacionais;**
- **Mas não esqueçamos que nada muda sem a luta. A menor das conquistas, seja pessoal ou social, se consegue lutando. E as lutas não são lineares. Isso sim, são educativas.**